

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

11

天
十
三
一
日
三
十
一
日
三
十
一
日
三
十
一
日

tinha uma eficácia simbólica, se bem que fosse também conhecida a sua vantagem a nível fisiológico.

Coube a Alfred Muzzolini, do Institut de Géologie de Nancy, abordar «Les relations entre l'Égypte et le Sahara aux temps néolithiques» (pp. 205-217), concluindo que existiu um muito antigo fundo simbólico comum, e só a partir de cerca de 3000 a. C. (depois do Período Húmido Neolítico) se deu a ruptura entre o mundo nilótico e o mundo saariano.

Oum Ndigi apresentou «Gb/Qb/Gbgb/kòbá/kòbákòbá ou le nom identique du dieu de la terre et de l'oiseau créateur mythologique chez les Égyptiens et les Basaá du Cameroun: un cas typique de parenté cosmogonique» (pp. 219-000). O autor, docente da Universidade Lumière Lyon II e da Universidade de Yaoundé, Camarões, estabelece as relações que se podem detectar entre a língua egípcia e a língua basaá dos Camarões.

Albert Roca Álvarez, da Universidade de Lleida (Lérida) e da Universidade de Barcelona (Centre d'Estudis Africans), dissertou sobre «Continuidades y discontinuidades culturales en el África antigua: del método y de otras miserias» (pp. 237-253). O texto precedente motivou a réplica «Egiptólogos y africanistas. En polémica con Albert Roca Álvarez», a cargo de Marcelo Campagno (pp. 253-255).

Finalmente Helmut Satzinger concluiu com «Ancient Egyptian in the Context of African Languages» (pp. 257-265), enfatizando as relações entre o egípcio e o suahili, e exemplificando com quatro esquemas sintácticos de tipo não semita, partindo da noção de que a língua egípcia apresenta o elemento dependente numa segunda posição em relação ao elemento regente (Tu veneras/o deus Ré; A porta/do Além; O Ocidente/belo).

O volume, com textos de grande qualidade, fecha com um núcleo de ilustrações correspondentes a diversos artigos (pp. 267-298), seguindo-se o índice (pp. 299-300).

Luís Manuel de Araújo

JOSEP CERVELLÓ AUTUORI e ALBERTO J. QUEVEDO ÁLVAREZ (eds.), ...Ir a buscar leña. Estudios dedicados al Prof. Jesús López, Aula Aegytiaca - Studia, 2, Barcelona, Aula Aegytiaca, 2001, 204 pp.

O número 2 da série Aula Aegytiaca – Studia, é dedicado ao Professor Jesús López, figura notável e consagrada da egiptologia espanhola, «chargé de recherche» no CNRS de França, onde se jubilou em 1998, tendo ensinado com regularidade em Espanha, desde 1992.

Coube aos editores Josep Cervelló Autuori e Alberto J. Quevedo Álvarez redigir a Presentación (pp. 7-10), à qual se segue a Bibliografía de Jesús López (pp. 11-13) com natural destaque para as *Ostraca Ieratici. Catalogo del Museo Egizio di Torino*, Milão, 1978-1984. O texto introdutório fornece a chave para compreender o título deste livro, o qual se inspirou numa dedicatória que Jesús López fez a seu mestre Georges Posener, o conhecido egiptólogo francês: «A Georges Posener, el querido maestro que enseña a desconfiar de la llama y muestra los senderos difíciles por donde *ir a buscar leña*».

Pelo texto introdutório se fica também com a percepção da existências de várias gerações de egiptólogos espanhóis, pertencendo à «primeira geração» o Prof. Jesús López ao lado de figuras como Martín Almagro Basch e Francisco Presedo Velo, bem prestigiados pela sua acção durante o salvamento dos monumentos da Núbia. Na «segunda geração» pontificam os nomes de María del Carmen Pérez Die, conservadora da colecção egípcia do Museu Arqueológico Nacional, em Madrid, e Josep Padró, da Universidade de Barcelona, enquanto a «terceira geração» inclui muitos nomes da actual egiptologia espanhola, alguns dos quais são bem conhecidos em Portugal através dos seus trabalhos.

A recolha de textos começa com o artigo de Hartwig Altenmüller, da Universidade de Hamburgo, com o título de «Wann fand die Haremsverschwörung gegen Ramses III. statt?» (pp. 15-22), onde o autor aprecia vários dados concernentes à conspiração contra Ramsés III urdida no harém real.

Maria Victoria Asensi Amorós apresenta em seguida o tema «Madera de Egipto, madera importada. I: Contribución del estudio de la anatomía de la madera para la comprensión de la civilización egípcia» (pp. 23-34). A autora, docente da Universidade de Alicante e investigadora do Laboratório de Paleobotânica da Universidade Pierre et Marie Curie (Paris IV), analisa vários géneros vegetais diferentes entre os que são autóctones e importados.

Lucas Baqué Manzano, investigador da Universidade Paul Valéry (Montpellier III), evoca «Min-Osiris, Min-Horus: a propósito de un relieve del templo de Hibis en el oasis de El Jarga» (pp. 35-49), acentua, partindo de dados figurativos ou textuais, as combinações sincréticas entre Min, Osiris e Hórus (ilustrações nas pp. 48-49).

Alessandro Bongioanni, da Universidade de Turim, colaborou com um texto «A proposito di libertà o necessità nell'antico Egitto» (pp. 51-54), enfatizando a mudança que ocorreu no Império Novo em relação à *maet*, quando o homem deixa de agir em sintonia com ela e se coloca mais nas mãos de Deus.

Josep Cervelló Autuori abordou um tema clássico com «"Los dos hermanos" en la literatura neoegeípcia y en la tradición oral negro-africana. Una lectura comparada» (pp. 55-66). O autor, docente na Universidade Autónoma de Barcelona, tomando o conto *Os Dois Irmãos* como um «conto de fadas», compara a sua estrutura narrativa com a de textos do género e sublinha a presença de um substrato comum entre eles.

Procura depois Margarita Conde, da Universidade de Sevilha, detectar os «Vestigios de uma primera recensión cosmogónica en los Textos de las Pirámides» (pp. 67-73), tendo em conta que a «história pré-solar» anterior à teologia solar de Heliópolis (Enéade) se pode interpretar como uma das mais antigas representações da vida.

«La catalogazione del Museo Egizio di Torino e il contributo di Jesús López» é uma homenagem de Silvio Curto à personalidade a quem é dedicado o volume (pp. 75-83), onde se evidencia o papel de Jesús López no estudo dos textos hieráticos do Museu.

O orientalista e ugaritólogo de Barcelona Gregorio del Olmo Lete perscruta aqui os motivos da «Origen y decadencia de Dagán» e, «a modo de hipótese de trabalho», procura acrescentar aos dados já conhecidos mais alguns detalhes (pp. 85-90).

Andrés Diego Espinel, da Universidade de Salamanca, colaborou com um tema de carácter filológico e social: «Un Old Hieratic Inscription from Meir» (pp. 91-98), onde se procura interpretar um texto hierático de finais do Império Antigo (túmulo de Pepiankh-heni, reinado de Pepi II).

Sergio Donadoni, famoso egiptólogo de Turim, revela-nos «Un frammento di stele ramesside dai Kiman Fares» (pp. 99-102), que inclui o quarto e quinto nome de Ramsés II e parece aludir a um «Decreto de Ptah» (com reprodução do texto na p. 102).

O volume sai enriquecido com a presença do egiptólogo José Manuel Galán, que oferece «An Inscribed Mummy Bandage» (pp. 103-106), pertencente a um colecionador particular e que pode ser datada da XXX dinastia (imagem do fragmento com inscrição hierática e versão hieroglífica na p. 106).

Não falta nesta recolha de textos um artigo de Antonio Loprieno, colaborador do Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que oferece a Jesús López o artigo «On the contribution of phonology to Egyptian philology» (pp. 107-115).

María Luz Mangado Alonso, da Fundación Arte y Cultura de Pamplona, recorda a «Evolución iconográfica y lingüística de los relieves egipcios del Imperio Antiguo: las escenas das elaboración de la cuerda» (pp. 117-133), texto completado pelas ilustrações que ocupam as pp. 134-139.

Juan Carlos Moreno García colabora com o artigo «*Hq3w*, “chefes, governadores”, y élites rurales en el III milenio antes de Cristo. Reflexiones acerca de algunas estatuas del Imperio Antiguo» (pp. 141-154). O autor, que é membro do Institut de Papyrologie et d'Égyptologie da Universidade Charles de Gaulle (Lille III), estuda várias estatuas datadas da V e VI dinastias e analisa de forma mais ampla o título de *Hq3* (*heká*).

O egiptólogo da Universidade de Barcelona Josep Padró, que também é professor visitante da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, redigiu «La plata de Psusenes y la fecha de la fundación de Cádiz» (pp. 155-159), estabelecendo relações entre o Egito da XXI dinastia e a Península Ibérica por mediação dos comerciantes fenícios fundadores de Gadir (Cádiz).

Alberto J. Quevedo Álvarez traz uma contribuição de cariz filológico com «El futuro I copto: un tiempo de aspecto perfectivo» (pp. 161-168), um estudo que permite ao autor afirmar que «o futuro I é um tempo perfeito e não durativo, um tempo que imprime um aspecto perfectivo à acção verbal».

Coube ao conhecido egiptólogo italiano Alessandro Rocati, da Universidade «La Sapienza», em Roma, estudar «Un Inno al Sole levante» (pp. 169-173). Trata-se de um pequeno hino solar, escrito em hierático, que o autor identificou em Março de 1985 sobre um óstraco, aqui apresentado na sua versão hieroglífica em comparação com os versos semelhantes dos hinos solares gravados em dois túmulos da região tebana estudados por Jan Assmann (TT 65 e TT 359).

José Miguel Serrano Delgado debruçou-se sobre «La titulación real de los faraones persas» (pp. 175-184). Como sublinha o autor, que é docente na Universidade de Sevilha, apenas os dois primeiros monarcas aqueménidas que reinaram no Egito (Cambises e Dario I) foram contemplados com uma titulação real, o que diz bem da aceitação que tiveram no Egito, em contraste com Xerxes e os seus sucessores.

«Cosas cotidianas, imágenes para la resurrección» foi o tema escolhido por Maria Rosa Valdesogo Martín (pp. 185-191), jogando com a utilização da metáfora nos textos egípcios e apreciando-a como figura retórica de comparação (exemplos recolhidos dos «Textos das Pirâmides» e «Textos dos Sarcófagos», entre outros).

Finalmente, a colaboração de Pascal Vernus com «Le nom d'action et étymologique comme modificateur du verbe: une construction égyptienne proche du *mafaul mutlaq*» (pp. 193-202) vem dignificar esta recolha em homenagem a Jesús López.

Josep Cervelló Autuori, um dos editores do volume, esteve presente na Fundação Calouste Gulbenkian num colóquio internacional de Egiptologia realizado em 2001. O prospecto do evento (embora com

lamentáveis gralhas) mostra que, tirando um ou outro caso, estiveram lá de facto nomes de reconhecido nível internacional, e nessa ocasião Josep Cervelló Autuori declarou que a egiptologia estava, a nível académico, mais avançada em Portugal que em Espanha. Esta exagerada opinião, que só pode ser explicada pelo espírito afável e generoso do seu autor, pretendeu ser um gesto de simpatia para com os anfitriões portugueses, mas não corresponde à realidade. É que, ao apreciar o leque das colaborações de autores espanhóis no volume que aqui sumariamente apreciamos, vê-se bem a qualidade e a dinâmica pujança da egiptologia do país vizinho.

Luís Manuel de Araújo